



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE  
CURSO DE PSICOLOGIA

EDUARDA BRANDÃO BRITTO ALVES DE CASTRO

**VIOLÊNCIA NO FUTEBOL:**  
FATORES PSICOLÓGICOS, SOCIAIS E CULTURAIS

SÃO PAULO

2014



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE  
CURSO DE PSICOLOGIA

EDUARDA BRANDÃO BRITTO ALVES DE CASTRO

**VIOLÊNCIA NO FUTEBOL:**  
FATORES PSICOLÓGICOS, SOCIAIS E CULTURAIS

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Talitha Ferraz de Souza

Trabalho de Conclusão de Curso como exigência parcial para graduação no curso de Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

SÃO PAULO

2014

## **Agradecimentos**

À minha mãe, Núbia Brandão de Britto, por tudo que fez e faz pelas suas filhas em cada momento de apoio, dedicação e ternura.

Ao meu pai, Eduardo Castro, por acreditar no meu sucesso e custear minha formação, diante de muito trabalho e esforço.

Às minhas irmãs, Meline, Mariana e Carolina, minhas grandes companheiras de caminhada, que sempre foram e serão minhas amigas e aliadas para a vida inteira.

Às minhas avós, Vânia e Liliana, por compartilharem comigo as suas experiências de vida e por serem as maiores responsáveis pelos meus conhecimentos de fé e religiosidade.

Ao meu amor, Gustavo Sanchez, que me inspira e me ensina a ser uma pessoa melhor a cada dia. Minhas conquistas e anseios profissionais são diretamente influenciados pela realização dos nossos sonhos.

Às minhas amigas de faculdade, que me acompanharam ao longo da minha formação, recheada de muitas reflexões, desabafos, risos e companheirismo.

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Talitha Ferraz de Souza, por me guiar durante o processo deste trabalho, com muita paciência, suporte e dedicação.

Área do Conhecimento: 7.07.05.02-0

Eduarda Brandão Britto Alves de Castro

**Violência no futebol:** Fatores psicológicos, sociais e culturais, 2014.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Talitha Ferraz de Souza

Palavras-chave: Violência; Futebol; Psicanálise

### **Resumo**

O presente trabalho tem como um de seus objetivos esclarecer os aspectos psíquicos do indivíduo que lhe motivam a se comportar de maneira agressiva no ambiente em que dá-se a prática do futebol. Além disso, abordamos quais aspectos da massa a tornam tão atraente para que torcedores associem-se a ela, configurando o que chamamos de torcidas organizadas. O trabalho constitui-se essencialmente por uma investigação teórica e, para a análise do fenômeno, apresentamos inicialmente um panorama geral sobre a violência no Brasil na atualidade e depois relatamos a história do futebol dentro e fora do país. Em seguida, discutimos acerca do fenômeno contando com o respaldo da teoria psicanalítica. Conclui-se que a violência no futebol é proveniente de violências macrossociais que enfrentamos no Brasil. A história de nosso país e a vida dos brasileiros são metaforizadas por este esporte, que é um retrato fiel dos problemas e desafios encarados diariamente. A torcida organizada pode ser compreendida a partir da concepção psicanalítica de “massa”, sendo essa capaz de transformar o indivíduo, dentre outras coisas, em um ser mais primitivo, irracional.

## Sumário

Introdução.....	1
Método.....	5
A violência no Brasil.....	6
O futebol no Brasil.....	13
A psicanálise de grupo, violência e identificação.....	20
Considerações finais.....	27
Referências Bibliográficas.....	32
Anexos.....	35
1. Crônica Freud no Futebol.....	35

## Introdução

Em época de Copa do Mundo, muito se fala sobre o Brasil, país-sede do evento, e as possíveis seleções ganhadoras do torneio. Sabe-se que os jogos mundiais de futebol são eventos esportivos que alcançam um enorme e variado público, disseminando-se de norte a sul do planeta. Em termos econômicos, a competição pode ser vista como uma maneira de desenvolver o país-sede em diversos setores, tanto na infraestrutura de aeroportos, estradas e hotéis, quanto no investimento feito para a construção ou reforma de estádios, que, de certa forma, representam uma fonte de lazer e diversão para a população. Entretanto, muitas das discussões trazidas pela mídia e cotidianamente discutidas pela população giram em torno da infraestrutura precária de nossas instalações para sediar o mundial, assim como a preocupação dos governantes em impressionar o resto do mundo com estádios novos e modernos, enquanto encaramos uma realidade diversa a essa.

Em junho de 2013 uma onda de manifestações se multiplicou em cada canto do Brasil. Inicialmente motivados pelo aumento da tarifa do ônibus, o povo foi à rua para impedir que tal medida fosse adotada sem que houvesse uma melhoria sequer no transporte público. Os protestos foram ganhando força e, com o tempo, o que se via eram milhões de brasileiros ocupando as ruas de todo o país explicitando a sua insatisfação com os políticos corruptos, a repressão policial, os serviços de péssima qualidade, como moradia, transporte, saúde, educação, e os gastos públicos exacerbados com eventos esportivos internacionais. Grande parte da população demonstrou um enorme descontentamento com a realização da Copa do Mundo no Brasil, alegando que outros setores públicos mereciam maior investimento em detrimento aos estádios de futebol. As denúncias feitas em atos públicos contra as injustiças da Copa sugerem que o governo Dilma gastou mais de 30 bilhões de reais com obras, sendo 85% deste gasto proveniente dos cofres públicos. Além disso, afirmam que cerca de 170 mil famílias foram removidas de suas moradias, demonstrando que não faltam recursos, mas sim interesse e compromisso em atender às necessidades da população.

Em véspera de Copa do Mundo, além da discussão já apresentada acima, trata-se também de assuntos mais pertinentes ao futebol, como as seleções participantes, os jogadores, os técnicos e a comissão. Não raramente, pode-se ver uma tentativa de adivinhar a possível seleção vencedora do torneio, de acordo com a técnica e qualidade dos jogadores que a compõem. O brasileiro é um povo apaixonado por futebol e, a cada quatro anos, todos os olhares e expectativas giram em torno do Mundial. Enquanto esperam a tão aguardada data de abertura dos jogos, as atenções estão direcionadas aos campeonatos regionais, estaduais e nacionais. Esses, todavia, tem peculiaridades interessantes e que, inclusive, despertaram o meu interesse para a execução do presente trabalho. Por um lado, a prática deste esporte poderia unir a todos os admiradores de um bom clássico e possibilitaria o desenvolvimento do espírito esportivo aonde torcedores de times rivais seriam capazes de conviver em um único estádio, disputando apenas em seus gritos de guerra na tentativa de empurrar o seu time rumo à vitória. Infelizmente, em contraposição a isso, o que muito se vê é a rivalidade que se acirra a cada campeonato, a cada lance mal marcado, a cada grito vibrante da torcida. Rivalidade essa que não se resume apenas em reclamações e protestos dentro de campo, mas chegam ao ponto máximo da expressão de sua paixão pelo seu time adorado, através de agressões verbais, danos aos patrimônios públicos e privados, brigas e mortes. Neste caso, as torcidas organizadas, presentes na maioria dos times brasileiros de futebol, configuram-se como a principal desencadeadora de eventos violentos da atualidade, dentro e no entorno dos estádios. Discutiremos ao longo deste trabalho as razões que os conduzem a este tipo de comportamento.

A aproximação com o tema aqui analisado deu-se inicialmente por um interesse pessoal e familiar, visto que o futebol, assim como para muitos brasileiros, é um símbolo de paixão e lazer para os membros da minha família. Devo confessar que, de minha parte, há pouco interesse em acompanhar os jogos e campeonatos do meu time, mas já tive a oportunidade de ir ao estádio de futebol diversas vezes e julgava interessante e instigante observar o comportamento dos torcedores neste ambiente. Dentre as minhas análises, conseguia verificar a transformação das pessoas que, ao adentrar o estádio, passavam a se comportar de maneira muito mais agressiva, hostil e indelicada, por mais que esta não fosse a sua personalidade real. Este fenômeno já me

chamava atenção desde os meus 15 anos de idade, quando lembro-me de acompanhar o meu pai nas partidas de futebol. Desde então a mídia tem veiculado notícias frequentes de casos de violência dentro e fora dos gramados, deixando claro que este é um assunto que não pode ser ignorado e negligenciado pelas autoridades, uma vez que o aumento no número de brigas, destruições ao patrimônio e mortes têm aumentado, exigindo medidas de repressão, prevenção e reeducação aos que os cometem.

A convergência entre o meu interesse pessoal como observadora e curiosa enquanto assistia aos jogos de futebol no estádio, somados à contemporaneidade do assunto devido à aproximação da Copa do Mundo e às notícias constantemente divulgadas pela mídia, resultaram no tema do presente trabalho. Inspirada pela minha afinidade com a teoria psicanalítica e orientada pelo professor José Agnaldo Gomes a procurar o livro de Freud que trata a massa sob um olhar psicológico, optei por abordar a temática do trabalho de acordo com elucidações feitas no livro *Psicologia das massas e análise do eu*. Inicialmente, apresentaremos ao leitor um panorama geral da violência no Brasil em suas mais diversas modalidades. Em seguida, contextualizaremos com um pouco da história do futebol no mundo, ou seja, desde o seu surgimento até a sua chegada ao Brasil. Mais adiante, trataremos da história do futebol no nosso país, explicitando os motivos pelos quais podemos entender o futebol como uma representação do povo brasileiro. Por fim, abordaremos o fenômeno sob a ótica psicanalítica, esmiuçando conceitos de massa, violência e identificação.

Esta pesquisa pretende analisar o fenômeno da violência no futebol, principalmente, no que se refere aos aspectos psicológicos que motivam os torcedores a se comportar de maneira agressiva. As perspectivas social e histórica serão analisadas, na medida em que entende-se que essas também contribuem para a compreensão do fenômeno. A influência das massas e o sentimento de pertencimento a um determinado grupo terão uma ênfase especial, tendo vista o interesse em entender o funcionamento psicológico dos indivíduos que se associam às torcidas organizadas. De modo geral, este trabalho pretende buscar fatores peculiares do futebol que fazem com que a violência e a agressão estejam tão presentes e

recorrentes em sua prática – dentro e fora dos estádios -, conforme vemos constantemente em notícias divulgadas pela mídia.

Para finalizar, não poderia deixar de citar Nelson Rodrigues, renomado dramaturgo brasileiro e cronista esportivo apaixonado por futebol. O livro *À sombra das chuteiras imortais* reúne setenta crônicas de conteúdos “futebolísticos”, publicadas em colunas de revistas e jornais. Durante a minha leitura, uma delas, apesar de não fazer referência explícita à questão da violência no futebol, me chamou especial atenção, na medida em que estabelece uma correlação entre o futebol e a psicanálise de Freud, autor eleito para as análises realizadas durante a execução desta pesquisa. Para o enriquecimento do presente trabalho escolhi destacar um trecho da crônica *Freud no Futebol*, no qual ele irá dizer,

Um amigo meu que foi aos Estados Unidos informa que, lá, todo mundo tem o seu psicanalista. O psicanalista tornou-se tão necessário e tão cotidiano como uma namorada. E o sujeito que, por qualquer razão eventual, deixa de vê-lo, de ouvi-lo, de farejá-lo, fica incapacitado para os amores, os negócios e as bandalheiras. Em suma: - antes de um desses atos gravíssimos, como seja o adultério, o desfalque, o homicídio ou o simples e cordial conto-do-vigário, a mulher e o homem praticam a sua psicanálise. O exemplo dos Estados Unidos leva-me a pensar no Brasil ou, mais exatamente, no futebol brasileiro. De fato, o futebol brasileiro tem tudo, menos o seu psicanalista. Cuida-se da integridade das canelas, mas ninguém se lembra de preservar a saúde interior, o delicadíssimo equilíbrio emocional do jogador. E, no entanto, vamos e venhamos: - já é tempo de atribuir-se ao craque uma alma, que talvez seja precária, talvez perecível, mas que é incontestável. (1993, P.25)<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> A crônica na íntegra poderá ser lida no final do trabalho, na sessão de anexos

## Metodologia

Neste trabalho, duas obras desempenharam o papel fundamental para guiar as nossas discussões, tanto em termos de relevância, quanto na abrangência de conceitos importantes a serem discutidos.

A partir da abordagem psicanalítica, a fonte bibliográfica de maior referência para a execução deste projeto foi o livro de Sigmund Freud sobre cultura, *Psicologia das massas e análise do eu*. Neste livro o autor aborda conceitos que se aplicam ao fenômeno que pretendemos analisar, contando com as discussões trazidas por Le Bon para o enriquecimento do tema.

Logo de início me identifiquei com o livro *Para entender a violência no futebol*, do sociólogo Mauricio Murad, especializado no tema da violência no futebol e Coordenador do Núcleo de Sociologia do Futebol da UERJ. Usei-o como o grande norteador para a realização deste trabalho, uma vez que as ideias, reflexões e hipóteses trazidas nas discussões se assemelham com o meu ponto de vista e entendimento sobre a questão. Sendo assim, pode-se dizer que este trabalho cumpriu o seu objetivo teórico, principalmente, a partir dos livros de Freud e Murad como fonte de inspiração e suporte para os temas debatidos.

## 1. Violência no Brasil

Antes de me debruçar sobre o tema que pretendo investigar na execução deste trabalho, considero interessante apresentar um panorama geral da violência no Brasil, na medida em que isso nos ajudará a compreender melhor o fenômeno que buscamos explorar. Mais adiante, entretanto, focaremos na questão da violência no futebol.

Os dados que indicam a violência no Brasil são extremamente preocupantes, uma vez que revelam uma sociedade com altos índices de criminalidade, motivados, na maioria das vezes, por um problema econômico-social. Frequentemente estas questões são levadas para serem discutidas em projetos políticos e noticiadas pela imprensa. A segurança pública está, ou deveria estar, entre as maiores preocupações dos governantes, visto que um plano de ação eficiente contra o aumento da violência parece agradar a população brasileira que, recentemente, anda ainda mais assustada com os crimes brutais, as agressões e os atos violentos e de vandalismo noticiados a todo o momento pela mídia.

O aumento da violência pode ser explicado por meio de diversos fatores como, por exemplo, a urbanização acelerada, que atrai as pessoas dos campos para as grandes cidades, contribuindo para um crescimento rápido, porém desorganizado e mal planejado. Muitos dos que migram para a área urbana acabam se submetendo a péssimas condições de vida, como moradia precária e baixos salários. Pode-se dizer que as aspirações de consumo, constantemente encorajadas pela mídia, também contribuem para o crescimento da violência, na medida em que permitem que apenas uma parcela da população se encaixe nos padrões requeridos, frustrando aqueles que sofrem com a dificuldade de inserção no mercado de trabalho e não tem condições financeiras para sentirem-se pertencentes aos modelos impostos pela sociedade. Como pode se notar, as causas da violência são diversas e as condições econômicas, como a miséria, a fome e o desemprego, constituem-se como as principais razões para este fenômeno. Entretanto, nem todos os tipos de criminalidade derivam das condições econômicas, visto que a sensação de injustiça e impunidade causadas por um Estado ineficiente e com programas de políticas públicas de segurança insuficientes para dar conta do problema, colaboram para o aumento da violência.

O ex-secretário Nacional de Segurança Pública, José Vicente da Silva Filho, em artigo publicado no site da Aprasc, acredita que a violência no país poderia ser analisada a partir de quatro principais pontos. O primeiro seria as múltiplas carências das populações de baixa renda, precariamente assistidas nas periferias das grandes cidades, resultando com que os jovens vulneráveis e sem perspectivas escolham as vias ilegais como o meio de sobrevivência ou adaptação às pressões sociais. O segundo ponto seria resultante desta opção ilegal que, por sua vez, é favorecida pela tolerância cultural aos desvios sociais e pelas deficiências de nossas instituições de controle social, como por exemplo, a polícia despreparada para atender às necessidades da população, a legislação criminal ultrapassada e o sistema prisional caótico e mal planejado. Segundo o ex-secretário, a interação entre estas deficiências institucionais enfraquece consideravelmente o poder inibitório do sistema de justiça criminal. A questão dos policiais precariamente preparados para exercer o seu cargo, com baixíssimos salários que retiram a dignidade e a importância de suas funções e que estão altamente suscetíveis a vincularem-se à corrupção, torna-se a terceira principal consideração acerca da violência no país. Por fim, a tecnologia de informação ainda está em processo inicial o que dificulta o levantamento dos pontos de criminalidade e, por consequência, o planejamento dos métodos de redução do mesmo.

Para explicitar os casos de violência, recorreremos a algumas notícias que nos darão um panorama deste cenário. Em 23 de julho de 2012, o jornal “Folha de São Paulo” publicou uma matéria expondo os dados obtidos através de uma pesquisa realizada pela ONG “Mapa da Violência 2012 - Crianças e Adolescentes no Brasil”. Abrangendo somente pessoas até os 19 anos de idade, pôde-se constatar 176.044 assassinatos, no período entre 1981 e 2010. O aumento de quase 350% neste número em apenas três décadas, assusta os especialistas e a população, classificando o Brasil como o 18<sup>o</sup> país mais violento do mundo, segundo levantamento publicado pelo diretor-presidente do Instituto “Avante Brasil”, Fábio Gomes, em uma matéria no dia 24 de abril de 2013. Ainda segundo a mesma ONG, em um período que compreende os anos de 1980 a 2010, pode-se evidenciar um acréscimo de 259% no número de homicídios no país, equivalente a 4,4% de crescimento ao ano. Para além disso, as

estatísticas da criminalidade divulgadas pela Secretaria de Segurança Pública (SSP) do Estado de São Paulo revelam que o número de vítimas de latrocínios –roubo seguido de morte- aumentou substancialmente na região. Esta realidade parece se estender a todo o país, visto que o aumento nos casos de latrocínios também pôde ser evidenciado em outros estados, dentre eles o Rio de Janeiro, no qual verificou-se um acréscimo de 25,7% de ocorrências no acumulado dos 11 primeiros meses de 2012, segundo informações divulgadas no site de notícias do “Portal Terra”, em 16 de janeiro de 2013.

O que parece ser um grande problema na questão da violência no Brasil é a sua extensão e a forma como isso tem se espalhado para os mais diversos cenários. Não raramente, noticiam-se casos de agressões físicas nas escolas, dentro de casa, no trânsito, em festas e em muitos outros lugares. A violência no trânsito, por exemplo, tem se tornado algo cada vez mais frequente, de tal forma que, basta uma “fechada” no carro de trás, para que os ânimos se exaltem e as ruas se transformem em um verdadeiro ringue de competição. Segundo a matéria divulgada pelo jornal “Folha de São Paulo”, no dia 10 de julho de 2011, entre os 35 mil chamados à Polícia Militar, em média, 70 são para atendimentos de brigas de trânsito na capital. Isso nos permite afirmar que há um intervalo médio de 20 minutos entre cada chamada para atender este tipo de ocorrência.

A violência doméstica, por sua vez, também acomete milhares de pessoas no Brasil, apesar de portar um caráter totalmente universal. Este tipo de violência atinge ambos os sexos e não costuma restringir-se a um determinado nível social, econômico, religioso, étnico ou cultural específico. Apontamentos da UNICEF estimam que aproximadamente 18 mil crianças e adolescentes são espancados diariamente no Brasil. Dados divulgados no ano de 1997 por esta mesma fonte, revelaram que os acidentes e a violência doméstica são os principais causadores das mortes de crianças e adolescentes no país, representando cerca de 64,4%. As mulheres também são grandes vítimas da violência em suas mais diversas configurações, seja ela física, moral, sexual ou psicológica. Mais comumente, a violência sofrida pelas mulheres é a física, praticada pelo parceiro íntimo, na qual ela suporta socos, chutes, tapas, amarramentos, queimaduras, espancamentos e estrangulamentos, resultando, muitas

vezes, em graves lesões. O Brasil é o país que mais sofre com a violência doméstica, uma vez que 23% das mulheres estão sujeitas a este tipo de violência, de acordo com a cartilha de “direitos da mulher”, publicada pelo UNFPA, Fundo de População das Nações Unidas. Pode-se dizer que cerca de 70% delas sofrem algum tipo de violência no decorrer da vida e que lidam constantemente com riscos de serem estupradas e agredidas. A lei Nº 11.340, também conhecida como Lei Maria da Penha, foi sancionada no dia 7 de agosto de 2006, como uma forma de proteção à mulher, na medida em que aumenta o rigor das punições para os agressores. O artigo 2º prevê que,

Toda mulher, independentemente de classe, raça, etnia, orientação sexual, renda, cultura, nível educacional, idade e religião, goza dos direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sendo-lhe asseguradas as oportunidades e facilidades para viver sem violência, preservar sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual e social.

Entretanto, enfrenta-se uma dificuldade no que concerne as denúncias contra aqueles que cometem este tipo de ato. Muitas mulheres acabam não denunciando os agressores e se submetendo às suas ofensas por medo, vergonha, falta de autoestima, dependência afetiva e financeira, desconhecimento de seus direitos ou por acreditar que deve se sacrificar para manter a família unida. Recentemente, muitas campanhas têm sido veiculadas pelas mais diversas mídias com o objetivo de incentivar as mulheres que sofrem com este tipo de violência a denunciar os seus agressores.

Os idosos também parecem não estar isentos desta crueldade, conforme nos revelam as estatísticas publicadas pelo site de notícias da “UOL”, no dia 01 de outubro de 2013. No Brasil, a cada hora, cinco denúncias de violência contra idosos são registradas. No acumulado de janeiro a junho de 2013, somaram-se 22.754 denúncias desse tipo. Porém, o dado mais alarmante em relação ao caso é que aproximadamente 70% dos suspeitos delatados têm relação familiar direta com a vítima. Os tipos de denúncias são diversos, sendo mais frequentes os casos de negligência, violência psicológica, abuso financeiro e econômico e agressões físicas.

Os índices que apontam para a violência dentro das escolas são igualmente assustadores, na medida em que tais instituições têm se tornado, cada vez mais, ambientes hostis, nos quais os próprios estudantes se agredem e ameaçam os professores e funcionários, chegando até mesmo às vias de fato. A violência instituída no ambiente escolar parece relacionar-se com o aumento e facilidade para a obtenção de drogas, o movimento de formação de gangues e o fácil acesso ao porte de armas. Atualmente as escolas não tem vínculo com a comunidade e isso propicia a incorporação da instituição à violência cotidiana do espaço urbano. Desta maneira, elas perdem o seu caráter de cuidado e tornam-se ameaçadoras para as crianças e adolescentes que a frequentam. A recorrência destes atos preocupa a toda a população, mas, principalmente, aos professores e funcionários das instituições que vivem com medo de enfrentar o dia-a-dia nas escolas. Tratamos aqui da violência que inclui golpes, roubos, crimes, vandalismos, depredações, lesões, etc. Porém, o ambiente escolar abrange igualmente aquilo que podemos caracterizar como “incivilidades” que seriam as agressões verbais, xingamentos, humilhações, *bullying*, e a violência simbólica, compreendida pelo desprazer com o ensino, pelos alunos, assim como pelo desprazer profissional dos professores.

Com o aumento crescente da violência e das frequentes notícias de roubos, furtos, assassinatos, sequestros, latrocínios, estupros, dentre muitas outras “modalidades” de violência, a população brasileira dorme assustada e sai de casa com medo de não voltar mais. Os meios de comunicação não permitem que sejamos mais otimistas em relação à realidade que nos assola, pois nos mostram diariamente cenas e relatos das mais diversas barbáries, caos e de muito sofrimento. A população, por sua vez, não se apropria de seus direitos e raramente se mobiliza para tentar reverter esta situação. Sabe-se que o Brasil é um país com um déficit muito grande em termos de educação e isso reflete em um povo pouco engajado politicamente e sem a devida consciência da importância de seu voto. Apenas a minoria é capaz de se comprometer com o período eleitoral e encará-lo com seriedade, buscando entender e analisar qual a proposta que melhor se adéqua às necessidades de sua cidade ou estado. Recentemente, todavia, vimos diversas marchas contra a violência ocorrerem de norte a sul do país. Muitas delas foram motivadas por algum episódio dramático que chocou

a população e a encorajou a sair às ruas cobrando das autoridades mais investimentos no âmbito da segurança pública. Em outros casos, a cotidianidade dos atos violentos da cidade são os grandes incentivadores para tirar a população de casa e protestar contra o descaso dos governantes em relação a um povo que sofre e grita por mudanças urgentes. A matéria publicada na “Folha de São Paulo” em 10 de junho de 2013 exemplifica esta onda de manifestações que vem ocorrendo durante todo o ano, ao revelar que “aproximadamente 500 pessoas, incluindo amigos e parentes de vítimas da violência, se reuniram com mensagens pedindo segurança e deram um abraço simbólico em uma praça para pedir atenção das autoridades”. O ato ocorreu na zona oeste de São Paulo, mas não restringe-se a esta cidade visto que em todos os cantos do Brasil a população tem se reunido para exigir do governo ações mais enérgicas contra o aumento da violência.

As recentes manifestações, entretanto, parecem ter diferentes motivações e objetivos distintos que não se restringem apenas a questão da segurança, mas todas elas convergem para a expressão do desagrado em relação à violência pública com a qual convivemos diariamente. Diversas classes trabalhistas têm ido às ruas para exigir reajustes salariais e melhores condições para o exercício de suas profissões, estudantes pedem o passe livre nos transportes públicos, moradores de favelas reivindicam os seus direitos por moradias mais dignas para se viver e muitos outros protestos têm sido feitos a fim de demonstrar as autoridades uma enorme insatisfação com as condições atuais do país. Com isso, pode-se dizer que o ano de 2013 adquiriu um caráter diferente dos demais, visto que a população demonstrou engajamento na luta contra todos os aspectos que a incomodava e cobrou do Estado os seus direitos, que, na maioria das vezes, são garantidos pela constituição brasileira, mas raramente podem ser observados na prática.

Neste ano, com a aproximação da Copa do Mundo a ser realizada no Brasil e com todos os olhares voltados para o nosso país, os protestos prometem continuar e ganhar ainda mais força, na tentativa de obrigar as autoridades a tomarem providências em relação ao que está sendo exigido pela população. Muitos protestos, inclusive, têm como principal motivação impedir que o mundial ocorra no Brasil, dentre outras razões, devido à priorização de gastos exorbitantes com a construção e reforma

de estádios, em detrimento à melhoria dos sistemas de saúde, transporte, educação, moradias, dentre outros. Os nossos policiais são despreparados para lidar com este tipo de situação e, muitas vezes, reagem de maneira truculenta contra os manifestantes, conforme vimos no início da onda de protestos que ocorreu em julho do ano de 2013. Há de se temer neste momento a reação da polícia para conter os protestos que não caminharem de maneira pacífica, uma vez que muitos se infiltram nestes atos para confrontar a ordem e comportar-se de maneira violenta, depredando o patrimônio público e privado e ameaçando a segurança da população. Além disso, os governantes não deixarão que o espetáculo dos jogos mundiais de futebol seja afetado e a polícia está sendo orientada a atuar nos casos de tentativa de prejudicar o andamento das partidas, conforme os noticiários anunciam a todo o momento. A esta altura, a pergunta que nos cabe indagar é: *Será que os nossos policiais estão prontos para agir nestas situações de maneira mais pacífica do que aquela vista em 2013?* A nós, resta apenas aguardar a resposta que provavelmente virá a partir do dia 12 de junho de 2014, dia em que se inicia oficialmente a Copa do Mundo no Brasil.

Após termos discorrido sobre a violência em geral, é necessário nos voltarmos ao tema do futebol no Brasil, enfatizando a sua história e importância para a nossa sociedade. No capítulo seguinte nos aprofundaremos neste tópico.

## 2. O futebol no Brasil

Este capítulo pretende retomar a história do futebol no Brasil, assim como nos apresentar um panorama geral da importância política atrelada a este esporte. Para isso, usaremos como guia de nossas análises o livro *Para entender a violência no futebol*, do sociólogo especializado no tema e Coordenador do Núcleo de Sociologia do Futebol da UERJ, Maurício Murad. A escolha desta obra foi realizada através da identificação entre os assuntos abordados e discutidos pelo autor e o fenômeno que pretendemos investigar durante a execução do presente trabalho.

Em 26 de outubro de 1863, na Inglaterra industrial e capitalista, nasceu o futebol no modelo em que o conhecemos atualmente. Sua exportação para o resto do mundo foi rápida e, após alguns anos, o recebemos no Brasil. O futebol, entretanto, foi se delineando aos poucos, a partir de outros esportes que também chutavam a bola ou qualquer outro objeto de formato arredondado. Murad (2012) cita algumas outras “modalidades de futebol” que contribuíram para essa composição atual, a qual nos é familiar. A título de exemplificação, vale retoma-las brevemente: *Tsu Tsu* - praticado na China pelos vencedores dos combates, no qual as cabeças de sete homens da tribo derrotada eram utilizadas como “bolas”; *Kemary* – trata-se de uma celebração para o autoconhecimento, o autocontrole e a meditação, na qual os japoneses se preparam para a disciplina e a concentração, características fundamentais no processo pedagógico, e culturalmente valorizadas; *Tlachtlí* – praticado nas Américas do Norte e Central, assim como o *Tsu-Tsu*, nesta modalidade também havia a decapitação dos rivais confrontados; *Mataranaaríti* – proveniente da América do Sul, os jogadores podiam utilizar diversas partes do corpo, tais como pés, pernas, costas e nádegas para controlar a bola; *Epyskiros* e *Harpastum* – ambas as modalidades eram praticadas pela alta classe grega e romana, respectivamente, e eram reconhecidas por sua elegância e disciplina; *Calcio* – inicialmente difundido na Itália, era considerado um espetáculo admirável pela dificuldade de manter o equilíbrio e a classe, ao ser praticado sob a superfície congelada do rio. Posteriormente popularizou-se e passou a ser jogado nas ruas, configurando-se como o antecessor imediato do futebol tal como ele é hoje.

Aproximadamente 30 anos após estar estabelecido e já ser praticado na Europa, o futebol chega, em 1894, ao Brasil. Charles Miller, brasileiro com descendência inglesa, foi quem o trouxe à São Paulo. Inversamente ao que vemos hoje, naquela época, o futebol era um esporte exclusivo à elite brasileira e, portanto, apenas os pertencentes às altas camadas sociais poderiam praticá-lo. Neste ponto, vale retomar a história do nosso país e ressaltar que em 1888 havíamos abolido a escravidão e a nossa República, nova forma de governo instituída em 1889, ainda tentava, com muito esforço, se estabelecer. As características elitistas, racistas e excludentes do futebol foram, portanto, um retrato da sociedade daquela época, a qual até então sofria com a influência do legado colonial e escravista, e todo o passado marcado por uma história de dominação, opressão e exploração.

Este cenário começou a se inverter entre os anos de 1910 e 1920, quando a população excluída, ou seja, socialmente e economicamente desfavorecida, enxergou neste esporte a potencialidade de um divertimento barato, com regras claras e de simples compreensão, e fácil de ser jogado. Ao andar pelas ruas, vielas e praças podia-se notar uma crescente popularização do futebol, na medida em que a prática deste esporte pela elite restringia-se aos clubes por ela frequentados. Essa disseminação para as classes menos favorecidas indiscutivelmente não agradou os setores dominantes das elites brasileiras. Entretanto, houve uma resistência bem-sucedida da população na batalha para conseguir que o futebol fosse um esporte popular e democrático, que permitisse o livre acesso do mais variado público. Neste sentido, Murad irá dizer:

Ao longo do tempo o futebol foi se afirmando como uma das poucas instituições brasileiras que permitem o acesso democrático dos grupos mais pobres, de analfabetos ou semianalfabetos, de mestiços, de excluídos, cujas famílias têm poucas oportunidades socioeconômicas. (2012, P.78)

O futebol foi então capaz de afunilar a distância previamente estabelecida entre a elite e a população de baixa renda. Ao mesmo tempo em que jogadores de muito talento e habilidade que foram sendo revelados como craques pertenciam à famílias

humildes, os torcedores das mais diversas classes sociais e econômicas podiam discutir sobre o tema em condições de igualdade, pois a apropriação das regras, saberes e “manhas” do futebol não era mensurada por nenhum outro fator que não fosse o seu conhecimento acerca do esporte. Murad faz uma citação importante e que vale a pena ser destacada neste ponto, pois, para ele,

Enquanto nossas instituições políticas, econômicas e sociais afastam os mais desfavorecidos de sua convivência e decisões cotidianas, o futebol aproxima, incluindo em suas práticas, lógicas e sentidos (embora não no processo decisório) esses excluídos históricos e estruturais – os pobres e humildes. (2012, P.79)

Pode-se dizer que a sociedade brasileira é fielmente retratada pelo futebol se compreendermos que a população menos favorecida é constantemente excluída do processo social, mas que, ao mesmo tempo, luta por uma inclusão. Os fenômenos de massa, como, por exemplo, o carnaval e o futebol, desempenham um papel institucional importante, na medida em que fazem com que a população sinta-se incluída, integrada, participante ativa no processo social. O futebol estampa as condições e contradições brasileiras, desde sua “formação étnica, miscigenação, musicalidade e cultura corporal até os aspectos estruturais e perversos: a concentração de renda, de poder e de oportunidades.” (2012, P. 80). Pode-se por assim dizer que este esporte é uma tradução social, um agrupamento de imagens da vida do brasileiro, que se manifestam em todos os âmbitos, seja nas torcidas, nos campos ou nas comemorações. Ao afirmar que o futebol possui como característica a representação social do nosso país, pode-se dizer que ele então é capaz de indicar as nossas contradições, obscuridades e inquietações culturais. Ao mesmo tempo em que revela o perfil alegre, divertido, guerreiro e resistente do povo brasileiro, também expõe o autoritarismo, a corrupção, a violência, a impunidade, a acumulação de renda e de oportunidades para um número reduzido de pessoas. Isto acontece no microcosmo do futebol, porém pode ser ampliado para que possamos entender a nossa sociedade como um todo. Neste sentido, Murad indica que “o futebol é mais do que um jogo, um

esporte bonito e apaixonante, é uma metáfora, um imagem condensada da vida brasileira.”. (2012, P.82)

Trataremos mais adiante da questão do futebol como símbolo e identidade nacional. Por enquanto, nos contentaremos apenas em afirmar que este esporte, indubitavelmente, compõe a identidade cultural brasileira. Para compreendê-lo, entretanto, não basta fazer uma simples análise do jogo, pois desta forma estaríamos sendo restritivos e nos cegando quanto às outras realidades que transpassam os limites das quatro linhas do gramado. É importante considerarmos também as realidades econômicas, políticas, sociais e simbólicas presentes neste evento esportivo. Conforme já foi dito, através do futebol, podemos ilustrar a vida dos brasileiros e alguns acontecimentos históricos nos auxiliam na compreensão de determinadas práticas. Para elucidar a afirmação acima, recorreremos ao exemplo dado no livro, no qual relembramos a influência sofrida pelos modelos colonial e neocolonial. Todos os produtos de qualidade produzidos no Brasil eram exportados, o açúcar, o café, o minério, a soja. Aos poucos, exportar aquilo que tínhamos de melhor tornou-se algo cultural e natural, e com o futebol não foi diferente. Desde 1920/1930 os nossos grandes jogadores de futebol são negociados com clubes estrangeiros e acabam deixando o Brasil motivados pelo sonho de construir uma carreira de sucesso, principalmente, nos países considerados desenvolvidos. Inicialmente este fato revela a dificuldade de valorizar as nossas riquezas e a nossa tendência cultural de estarmos sempre direcionados para o exterior. Isto acontece frequentemente no futebol, mas também se estende para muitos outros fatores da vida no Brasil. Acredita-se que a violência e a agressão contra os jogadores e seus familiares, aliados a uma excelente remuneração dos clubes estrangeiros têm sido os grandes motivadores para que os atletas profissionais deixem o país.

Conforme vínhamos discutindo, os problemas estruturais e históricos do Brasil alcançaram também o futebol. A partir do que apresentamos até o momento, podemos então afirmar que se objetivamos compreender a violência no futebol brasileiro ou de qualquer outro país, é necessário considerá-la a partir da violência pública que a precede. Para nós, brasileiros, não é nenhum tipo de estranheza relatar os problemas que enfrentamos diariamente com a educação de baixa qualidade, os problemas de

moradia e de saúde, o transporte público precário, o subemprego, a fragmentação da família e da cidadania. Entretanto, dois destes problemas macrossociais brasileiros se destacam na compreensão das práticas de violência no futebol, são eles: a impunidade e a corrupção. Ambas podem ser consideradas violências por si só e configuram-se em problemas estruturais e históricos, uma vez que podem estar presentes nos mais diferentes grupos, categorias e instituições, além de acontecerem em diversas épocas, desde o início de nossa constituição cultural. Para Murad,

A corrupção e a impunidade anestesiam as reações ética, jurídica, política, cultural e policial de uma sociedade. E, como são essas reações que definem uma sociedade e a própria civilização, se não forem acionadas normalmente pelas instituições, o efeito, mesmo que indireto, é incentivo a novas práticas delituosas. (2012, P.12)

A questão que se revela neste sentido é a de que a violência fica banalizada e naturalizada. Os crimes são cometidos, pois sabe-se que o nosso sistema de justiça e de segurança pública são extremamente defasados e, com isso, a punição não se revela como algo ameaçador. O sentimento de que o delito não terá consequências para o seu autor e que dificilmente uma pena será aplicada e rigorosamente cumprida, facilita a ação de práticas violentas, tanto no cenário futebolístico quanto nos demais setores de nossa sociedade. Murad acredita que um plano de segurança consistente e interligado ajudaria a acabar ou ao menos diminuir a questão da violência atrelada ao futebol, na medida em que, para ele, deve-se seguir um modelo de “repressão, no curto prazo; prevenção, no médio prazo; e reeducação, no longo prazo” (2012, P. 14). A punição seria colocada em prática através da aplicação de leis e penas mais eficientes e rigorosas. A prevenção, por sua vez, estaria ligada às medidas que permitiriam reduzir a intensidade e a gravidade dos atos violentos e criminosos. Por fim, a reeducação significaria a mudança estrutural de comportamentos, práticas e valores, através de campanhas e palestras.

Novamente vale ressaltar a importância histórica de nosso país para entendermos determinadas configurações no futebol. Em 1964, o Brasil enfrentava o auge de sua ditadura militar, que se estabilizou efetivamente com o AI5, em 1968. Logo

em seguida, por volta do ano de 1970, os torcedores radicais, fanáticos e extremados começaram a frequentar os estádios e praticar a violência nas arquibancadas. As mídias disparavam crescentes relatos de atos violentos e agressivos que, aos poucos, começaram a preocupar a população e as autoridades. Estas torcidas atuavam como “coletivos militarizados, seguindo as doutrinas e os padrões do militarismo então vigente.” (2012, P.90). Neste sentido, pode-se dizer que o futebol e as torcidas organizadas também foram influenciados pela situação política que o país enfrentava naquela época.

Com o passar do tempo, o futebol foi se consolidando no Brasil e tornando-se o esporte de maior preferência do público. Atualmente pode ser considerado como grande paixão nacional e fonte de união do povo brasileiro, apesar das diferenças sociais, econômicas, culturais e religiosas. Se, por um lado, o futebol é a nossa identidade nacional, por outro, pode se configurar como um fanatismo possivelmente perigoso. Para Murad “o futebol é bem mais do que um esporte: é uma identidade, um símbolo cultural coletivo, por isso tem tanta importância e exerce tamanho impacto em nossa vida.” (2012, P. 21). É através de um futebol próprio e exclusivo que somos mundialmente reconhecidos e nos diferenciamos dos demais países. Tamanha popularidade parece originar-se do fato de que esse esporte permite que nos manifestemos culturalmente e democraticamente, aspectos estes que foram negados à população, conforme vimos através da história retratada acima. No Brasil, muitas vezes, esta paixão exacerbada pode se configurar em um estado de fervor excessivo, irracional e persistente, ou seja, o fanatismo. Esse fanatismo configura-se em uma possibilidade de tornar o torcedor mais violento, uma vez que este estado dificulta a compreensão de fatos como, aceitar a derrota de seu time e respeitar a opinião do outro. Depreende-se a partir do que foi dito acima que, nos dias de hoje, o futebol no Brasil assume prioritariamente dois papéis de fundamental importância. Por um lado, pode ser encarado simplesmente como um esporte que nos propicia prazer, lazer e diversão, e até então manifesta-se de maneira saudável e fonte de alegria. Por outro, assume um caráter intenso, enérgico, extremo, que poderia converter-se inclusive em um quadro patológico.

Tratamos neste capítulo de toda a evolução do futebol e explicitamos a relação íntima que ele mantém com a história e a política do nosso país. Para finalizar, entretanto, vale ressaltar a importância dos meios de comunicação para a caracterização deste esporte. A mídia relata apenas aquilo que acontece, porém a maneira como as notícias são apresentadas, em qual horário e com qual destaque, influenciam fortemente o telespectador. O sensacionalismo é um dos fatores que tem afastado o público dos estádios de futebol no Brasil e isto ocorre, pois, de acordo com Murad, as mídias

influenciam a opinião pública ao ressaltar acontecimentos secundários como se fossem principais, o que distorce o entendimento do problema. Os veículos de comunicação de massa ocupam papel-chave na construção e na manutenção de um discurso sobre a violência. (2012, P. 199)

Neste sentido, os veículos de informação ocupam um papel relevante no modo como o futebol está inserido na sociedade brasileira atualmente. A partir desta posição, há uma necessidade de se assumir responsabilidade social pelo que está sendo noticiado, uma vez que já se sabe a influência exercida pela mídia sobre a população. Deve-se haver mais cautela quanto às notícias veiculadas em relação tanto ao seu conteúdo, quanto ao destaque que lhe é dado.

No próximo capítulo discutiremos, sob o referencial teórico psicanalítico, acerca das implicações psicológicas que permitem a manifestação agressiva e violenta dos seres humanos em geral, e, principalmente, dos torcedores de futebol, quando inseridos neste contexto.

### 3. A Psicanálise de grupo, violência e identificação

Trataremos neste capítulo de temas que nos ajudarão a compreender o fenômeno da violência no futebol e mais especificamente nas torcidas organizadas. Isto, pois acreditamos que alguns conceitos devem ser melhor traduzidos para que possamos analisar com clareza e veracidade os constantes casos de agressividade no cenário futebolístico. Para cumprirmos com o objetivo designado, usaremos primordialmente o livro *Psicologia das massas e análise do eu*, de Sigmund Freud, como base de nossa análise.

Podemos conceituar a violência, segundo o minidicionário escolar da língua portuguesa da editora Melhoramentos, como sendo “qualquer força usada contra a vontade, liberdade ou resistência de”. Sabe-se que no Brasil os dados que indicam a violência são extremamente preocupantes, na medida em que revelam uma sociedade com altos índices de criminalidade, motivados, na maioria das vezes, por um problema econômico-social e histórico, conforme vimos no capítulo anterior. A violência, entretanto, não é um fenômeno novo e exclusivo da sociedade brasileira, pois além do fato de já estar presente nos homens há muitos séculos, também pode ser encontrada nas mais diversas culturas. Freud trata deste tema com um olhar que pode ser considerado “diferenciado” em relação aos demais autores, já que, para ele, a manifestação agressiva é parte da constituição humana. A compreensão freudiana admite uma oposição entre o indivíduo e a cultura, a partir do reconhecimento da existência de pulsões agressivas no homem que são constantemente reguladas pela cultura na qual está inserido. Sendo assim, a expressão da violência já nasce conosco e, portanto, haverá sempre uma propensão para a destruição de nosso semelhante. Para além disso, Freud associa a violência à um instrumento pelo qual o homem se apropria quando busca a solução de seus conflitos de interesses, que não foram possíveis de serem resolvidos pelo diálogo. A explicação que o autor dá para o fato de que a expressão da violência está presente em todos nós, seres humanos, é baseada no conceito de pulsão de morte. Segundo ele, a pulsão de morte é voltada para o interior e manifesta-se através da autodestruição. Posteriormente, entretanto, as pulsões de morte estariam direcionadas ao exterior e se exprimem pela agressividade

e destruição. Estas pulsões correspondem à tendência de todos os seres vivos a retroceder ao estado inorgânico, ou, simplesmente, a um estado anterior. Ademais, este conceito permitiu observar o fenômeno da compulsão à repetição, propiciando a reflexão sobre o caráter regressivo da pulsão. Outros autores também pertencentes à abordagem psicanalítica de Freud, irão conceber a violência de formas variadas, como, por exemplo, Winnicot segundo a compreensão de Fiorelli, José Osmir & Mangini, Rosana C. Ragazzoni (2009), ao afirmar que a agressão surge como um mecanismo de defesa, apresentando-se através do deslocamento ou do mecanismo da sublimação. Quando um desejo não pode se realizar, o psiquismo responde deslocando a energia para a agressividade.

O tema da violência e da agressividade surge, neste trabalho, para explicar o fenômeno que ocorre nos estádios de futebol, visto que este tipo de cenário tem sido alvo de verdadeiras guerras entre torcidas rivais. Após apresentar um panorama geral do tema citado acima em paralelo ao pensamento psicanalítico, vale entender a importância e a significação do grupo, ou da massa, conforme Freud preferia se referir. Em seu livro, o autor cita um trecho de Le Bon (1912), no qual irá elucidar esta questão ao dizer que,

(...) pelo simples fato de pertencer a uma massa, o homem desce vários degraus na escala da civilização. Isolado, ele era talvez um indivíduo cultivado, na massa é um instintivo, e em consequência um bárbaro. Tem a espontaneidade, a violência, a ferocidade, e também os entusiasmos e heroísmos dos seres primitivos. (1920-1923, P.17).

A frase destacada nos leva a algumas reflexões possíveis. Primeiramente, vale ressaltar que, segundo os pensamentos e afirmações de Freud, por mais que estejamos nos referindo a um indivíduo sozinho, ou seja, fora do contexto grupal, haverá invariavelmente a presença de seu semelhante. Neste sentido, acreditamos que o indivíduo é um ser indissociável de seu meio social e que, portanto, não cabe tratá-lo sem que consideremos a interação entre ele e o outro. Parece-nos claro que um indivíduo sozinho pode comportar-se de determinada maneira, mas, em contrapartida, podemos ver uma mudança radical quando este mesmo indivíduo está inserido em um

grupo que lhe concede identidade. Freud usará o conceito denominado “alma coletiva” para explicar essa transformação que a massa parece conceder ao sujeito. É justamente a partir dela que somos capazes de agir, pensar e sentir de maneira completamente diferente do que o faríamos se considerados isoladamente. Isto, pois, determinadas ideias, pensamentos e sentimentos só surgem e são colocados em prática quando o indivíduo pertence a uma massa. Em relação a isto Le Bon (P.13) apud Freud, irá reforçar que,

O fato mais singular, numa massa psicológica, é o seguinte: quaisquer que sejam os indivíduos que a compõem, sejam semelhantes ou dessemelhantes o seu tipo de vida, suas ocupações, seu caráter ou sua inteligência, o simples fato de se terem transformado em massa os torna possuidores de uma espécie de alma coletiva. Esta alma os faz sentir, pensar e agir de uma forma bem diferente da que cada um sentiria, pensaria e agiria isoladamente. Certas ideias, certos sentimentos aparecem ou se transformam em atos apenas nos indivíduos em massa. (1920-1923, P. 17-18)

Novamente, Freud cita Le Bon (P.15 e 16) para explicar as razões pelas quais estes indivíduos assumem tais características novas a partir de sua inserção em uma massa. Le Bon irá enunciar três fatores principais para este fato, sendo o primeiro motivo relacionado a uma questão de número, quantidade. Para ele, o indivíduo nestas condições tem uma sensação de invencibilidade que o oportuniza a ceder aos instintos. Em uma situação na qual ele estivesse sozinho, tais instintos seriam provavelmente mantidos sob controle, entretanto, o caráter anônimo da massa facilita o surgimento de atos irresponsáveis e inconsequentes. A segunda razão estaria vinculada a questão do “contágio mental”, na qual o sujeito é tomado por um sentimento único e os seus atos são contagiados pelos interesses coletivos, muitas vezes se sobressaindo aos seus interesses próprios. Este é um fenômeno fácil de verificar, mas difícil de explicar e poderia estar ligado aos casos de ordem hipnótica. Por fim, a terceira e mais importante causa seria a sugestibilidade, na qual há uma aproximação do estado de fascinação do hipnotizado. Nestes casos, o indivíduo já não tem mais vontade própria, a sua personalidade consciente já não existe mais, assim como o seu

discernimento, e então os seus pensamentos são controlados a partir do hipnotizador. Le Bon (P. 13 – 4) apud Freud irá dizer em relação a isso que,

A influência de uma sugestão o levará, com irresistível impetuosidade, à realização de certos atos. Impetuosidade ainda mais irresistível nas massas que no sujeito hipnotizado, pois a sugestão, sendo a mesma para todos os indivíduos, exacerba-se pela reciprocidade. (1920-1923, P.23)

Ao estar enquadrado na massa, o indivíduo assume determinadas características que o diferenciam de si mesmo em outras condições. Transcrevemos aqui o trecho em que Freud cita Le Bon (P.17) para elucidar tais características,

Evanescimento da personalidade consciente, predominância da personalidade inconsciente, orientação por via de sugestão e de contágio dos sentimentos e das ideias de um mesmo sentido, tendência a transformar imediatamente em atos as ideias sugeridas (1920-1923, P. 23)

Torna-se importante elucidar o conceito de inconsciente conforme Freud o concebeu, ou seja, parte da psique na qual os elementos contidos não estão acessíveis à consciência. Estes materiais são excluídos da consciência por censura ou repressão, mas podem ser resgatados com certo esforço. O inconsciente não é apático ou inerte, pois nele há uma vivacidade e imediatismo constatado, por exemplo, a partir do resgate de memórias antigas que ressurgem com certa força emocional. Na medida em que o inconsciente é considerado neste livro como quando não significa apenas o “reprimido”, esta breve retomada surge para explicar o que Le Bon (P.20) apud Freud irá esclarecer em relação ao fenômeno das massas, na medida em que, para ele,

A massa é impulsiva, volúvel e excitável. É guiada quase exclusivamente pelo inconsciente. Os impulsos a que obedece podem ser, conforme as circunstâncias, nobres ou cruéis, heroicos ou covardes, mas, de todo modo, são tão imperiosos que nenhum interesse pessoal, nem mesmo o da

autopreservação, se faz valer (...). Tem o sentimento da onipotência; a noção do impossível desaparece para o indivíduo na massa. (1920-1923, P. 25)

Vale destacar o conceito de identificação estudado por Freud e de suma importância para a compreensão do fenômeno da violência no futebol. Segundo Laplanche e Pontalis, no *Vocabulário de Psicanálise*, identificação corresponde ao “processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro. A personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações” (2008, P. 226). Freud irá dizer em seu livro que a psicanálise compreende a identificação como a forma mais primitiva de ligação afetiva com uma outra pessoa. Visto a importância do esclarecimento do conceito, nos aprofundaremos um pouco mais no tema.

Em um primeiro momento, o menino revela um interesse pelo pai, o admira, o concebe como modelo, deseja crescer e ser como ele. Simultaneamente, ele inicia um investimento objetal direto com a mãe. Com a unificação da vida psíquica, surge no menino o Complexo de Édipo, no qual o pai torna-se um obstáculo em relação ao seu desejo de aproximação com a mãe. Segundo os dizeres de Freud,

Sua identificação com o pai adquire então uma tonalidade hostil, e torna-se idêntica ao desejo de substituir o pai também junto à mãe. Pois desde o início a identificação é ambivalente, pode tornar-se tanto expressão de ternura como desejo de eliminação. (1920-1923, P. 61)

Para esclarecer isso, pode-se dizer que, quando o menino identifica-se com o pai este representa aquilo que ele gostaria de *ser*, enquanto que quando o pai é escolhido como objeto, representa aquilo que ele gostaria de *ter*. Guardado as devidas substituições, este processo ocorre também na filha pequena.

A identificação na formação neurótica de sintomas assume essencialmente três papéis, sendo o primeiro uma forma de ligação afetiva a um objeto. Já no segundo momento, a identificação torna-se o substituto para uma ligação objetal libidínica, por via regressiva. Por fim, ela surge a partir de “qualquer nova percepção de algo em comum com uma pessoa que não é objeto dos instintos sexuais. Quanto mais

significativo esse algo em comum, mais bem-sucedida deverá ser essa identificação parcial (...)" (1920-1923, P. 65).

O fenômeno que buscamos analisar a partir da execução deste trabalho, revela que os indivíduos envolvidos nas torcidas organizadas e, muitas vezes, responsáveis pelos atos de violência que ocorrem nos estádios, juntam-se a uma massa que lhes dá identidade que a sociedade parece negar a eles. Em relação a isto, Freud irá relatar,

Já suspeitamos que a ligação recíproca dos indivíduos da massa é da natureza dessa identificação através de algo afetivo importante em comum, e podemos conjecturar que esse algo em comum esteja no tipo de ligação com o líder (1920-1923, P.65).

A partir disto, podemos dizer que os indivíduos pertencentes a uma torcida organizada estão, de certa forma, identificados com os líderes deste grupo. Entretanto, não podemos nos restringir unicamente aos membros das torcidas organizadas, visto que o conceito de identificação se estende para os demais torcedores, possivelmente simples admiradores do esporte. Estes também são influenciados por tal processo, uma vez que identificam-se com grandes jogadores, tornam-se fãs de alguns deles e os qualificam como fonte de inspiração. Facilmente poderíamos resgatar uma ilustração para a ideia defendida acima, visto que frequentemente vemos crianças, jovens e adultos vestidos com a camisa de seu time e o nome de um grande jogador estampado na parte de trás. Os atletas deste esporte tornam-se ídolos para muitos jovens e desempenham um papel importante enquanto modelo de algo a ser seguido. Especialmente quando estes jogadores são de origem humilde e tornaram-se reconhecidos, a identificação ganha uma amplitude ainda maior, se considerarmos que muitas crianças da periferia almejam para o seu futuro uma carreira semelhante a destes craques. Desta maneira, podemos dizer que há duas formas de identificação que são mais comuns ao contexto futebolístico, a identificação com o líder ou os membros da torcida e a identificação com os atletas.

O termo "identidade" também desempenha um papel importante nesta etapa do trabalho, uma vez que consideramos o futebol um símbolo do nosso país, ou seja, uma identidade nacional, coletiva. Através do futebol o povo brasileiro é capaz de se

reconhecer e de se mostrar para o mundo inteiro. Entretanto, na psicanálise pouco se fala sobre este termo, apesar de Freud usá-lo amplamente em suas obras. Não se pensa em “identidade” a partir de um conceito psicanalítico teórico e nem ao menos designa-se como um processo, mecanismo ou fenômeno específico. O conceito de identificação permite que abordemos este tópico, todavia, devemos ser claros com os nossos leitores e explicitar que usaremos a concepção de senso comum para falarmos de identidade, reforçando o fato de que a psicanálise não tem nenhuma concepção explícita sobre o assunto. Sendo assim, o termo distancia-se da teoria e aproxima-se do uso cotidiano da palavra, no qual informalmente nos referimos à identidade de algo, de alguém ou entre duas pessoas. A identidade de determinado indivíduo é atribuída após um longo processo de identificações e, além disso, pode ser considerada a partir da operação de reconhecimento, na qual, invariavelmente, algo é idêntico a si mesmo. Comumente dizemos que a nossa identidade é um conjunto peculiar e absolutamente pessoal de características próprias, que possibilita a diferenciação com os demais, tornando cada um de nós únicos. Aqui nos referimos ao futebol como identidade nacional brasileira, uma vez que os nossos cinco títulos de campeão mundial permite que sejamos reconhecidos internacionalmente como os melhores do mundo neste esporte. Inegavelmente, há uma identidade e uma identificação criadas entre o futebol e o povo brasileiro e isto é o que nos permite afirmar que o futebol é o retrato do Brasil. O povo brasileiro assume uma identidade alegre, divertida, animada e, ao mesmo tempo, pertencente a diversas classes sociais, de cores e raças amplamente variadas. No entanto, a questão central deste trabalho – a violência no futebol – permanece, já que mesmo este sentimento de “identidade” nacional, não elimina fenômenos como os que observamos nas torcidas organizadas.

## Considerações Finais

Retomaremos aqui o problema da pesquisa que discutimos ao longo deste trabalho. Inicialmente explicitamos que o problema da violência no Brasil não se resume ao contexto que engloba o futebol, mas tem abrangência e extensão preocupantes. Os mais diversos ambientes podem se tornar cenários para este tipo de comportamento, levando-nos a crer que não há mais ambientes em que possamos estar seguros de fato. As ruas tornam-se cada vez mais ameaçadoras e hostis na medida em que nos exibem um vasto rol de casos de agressões físicas, furtos, assaltos, estupros, sequestros, dentre outros. Para muitos, voltar para casa não é sinônimo de sentir-se em segurança, longe dos perigos que as ruas nos oferecem, visto que a violência doméstica também configura-se como um sério e preocupante problema a ser combatido. O público já não é mais restrito, levando-nos a tal ponto que nem as crianças, adolescentes, deficientes e idosos conseguem escapar dos índices que revelam a violência no Brasil. A mídia veicula constantemente a seriedade do assunto ao nos mostrar tragédias, casos escandalosos e fatos inacreditáveis acerca desta questão, reforçando a ideia de que a vida tem se tornado cada vez mais banal e demonstrando a enorme falta de respeito com o outro, com a sua integridade física, com a sua dignidade e com o seu bem-estar mental. As autoridades, por sua vez, buscam resolver o dilema com medidas pouco eficazes de prevenção e punição aos indivíduos que se comportam de modo violento. Diante de um sistema prisional precário e de uma justiça corrupta, muitos cometem atos de violência guiados pela convicção de que não sofrerão consequências. Perante a situação atual do país, a população vive amedrontada e, recentemente, tem demonstrado plena insatisfação com a ineficiência do governo no combate ao problema. Isso tem levado milhões de brasileiros às ruas para protestar contra os mais diversos assuntos, dentre eles, a questão da violência que tem se multiplicado de norte a sul do Brasil, cobrando dos responsáveis mais investimentos no âmbito da segurança pública.

Frequentemente nos esquecemos de mencionar uma “modalidade” de violência que nos atinge diretamente e que, em muitos casos, é a desencadeadora das demais. Ao longo deste trabalho a nomeamos como violência pública, ou seja, aquela de ordem

social. Murad, em seu livro *Para entender a violência no futebol*, considera a corrupção e a impunidade exemplos essenciais para caracterizar este tipo de violência, na medida em que,

Ambas podem ser consideradas violências por si sós e de fato resultam em mais atos violentos, já que estimulam e acentuam outras causas sociais, culturais, jurídicas. (2012, P.11)

A violência pública tem raízes culturais, sociais e históricas, assim como o futebol. O segundo ponto discutido ao longo deste trabalho foi a importância dos aspectos históricos, sociais e políticos para a compreensão da inserção do futebol no país até os dias de hoje. Conforme vimos, ao chegar ao Brasil, o futebol era um esporte elitista e excludente, praticado apenas pela alta camada da sociedade. Com o passar do tempo, as classes menos favorecidas também se encantaram pelo futebol e passaram a praticá-lo, disseminando-o e popularizando-o. Apesar da insatisfação da elite, a população de classe mais baixa não cedeu às pressões e lutou para que o futebol fosse um esporte democrático, tal como o é atualmente. Neste sentido, o futebol é uma metáfora da vida do brasileiro na medida em que a população economicamente e socialmente menos favorecida é banida das decisões e dos processos sociais, mas, ao mesmo tempo, está sempre em busca de uma inclusão. Os fenômenos de massa exercem uma função de extrema importância, a partir da concepção de que permitem que a população se integre no andamento social. Se tomarmos o futebol como a representação social brasileira, não poderemos deixar de analisá-lo em suas mais diversas facetas, pois esse revela todas as nossas particularidades, transparecendo tanto as qualidades quanto as obscuridades de nosso país.

Defendemos ao longo da execução desta pesquisa que, para entendermos o futebol tal como ele se configura hoje no Brasil, não basta nos restringirmos às análises próprias deste esporte, tornando-se necessário que consideremos as realidades econômicas, políticas, históricas e sociais. Muitos dos nossos grandes jogadores de futebol iniciam as suas carreiras aqui, mas em seguida são exportados para times estrangeiros. Esta prática está relacionada a um movimento histórico enfrentado desde

os modelos colonial e neocolonial, nos quais os produtos de qualidade produzidos no Brasil eram exportados. Neste sentido, manter o que tínhamos de melhor dentro do nosso país nunca foi um hábito que costumávamos praticar, tornando-se natural exportar os nossos produtos. A política também desempenhou um papel histórico importante para configurar o nosso futebol tal como nos moldes de hoje, tendo vista que o início das práticas violentas nos estádios se deu concomitantemente à ditadura militar que enfrentávamos por volta de 1964. A característica repressiva deste momento político parece ter desencadeado a onda de violência nas arquibancadas, criando-se um espaço para liberação dos ânimos exaltados.

De acordo com a teoria psicanalítica freudiana, na qual nos baseamos para as análises realizadas ao longo do presente trabalho, a manifestação agressiva presente nos seres humanos é inerente a sua constituição. Os traços violentos dos homens estão propensos à destruição de seus semelhantes e Freud utiliza o conceito de pulsão de morte como guia para a explicação acerca de tais afirmações. Para ele, as pulsões estão inicialmente dirigidas ao interior, voltando-se em seguida para o exterior e assumindo o caráter da agressividade e da destruição. A massa, denominação dada aos fenômenos de grupo, desempenha fundamental importância para as nossas considerações finais, na medida em que é capaz de provocar mudanças significativas no homem, em seu comportamento e pensamento. A propósito, vale ressaltar, que não é possível dissociar o indivíduo de seu meio social, tornando-se fiéis apenas as análises que consideram as interações entre o homem e o seu semelhante. Resgatamos o conceito de “alma coletiva” para explicitarmos as mudanças que ocorrem quando o sujeito integra-se a uma massa, transformando a sua maneira de pensar, agir e sentir. A massa possibilita que a sensação de invencibilidade se multiplique, dando margem para que os instintos venham à tona e para o surgimento de comportamentos irresponsáveis, mascarados pelo seu caráter anônimo. Os atos dos indivíduos imersos nas massas são guiados pelos interesses grupais em detrimento de seus próprios interesses e, além disso, relacionam-se com a sugestibilidade, que está ligada ao estado de fascinação do hipnotizado.

O conceito de identificação também faz-se de suma importância para a compreensão do fenômeno, na medida em que percebemos que os sujeitos que se

integram às torcidas o fazem devido à sensação de identidade e pertencimento que a massa os concede. As identificações no futebol são as mais diversas, podendo relacionar-se com os líderes das torcidas organizadas ou com os jogadores e técnicos dos times. Ao longo do trabalho, ressaltamos que a psicanálise não tem referenciais teóricos em relação ao termo “identidade”, porém, vale trazê-lo à tona neste momento devido a sua relevância, uma vez que o futebol é concebido como a identidade brasileira. Partindo do pressuposto de que identidade é um agrupamento próprio e específico de um certo alguém, individualizando-o e distinguindo-o de seus semelhantes, podemos dizer que a paixão nacional pelo futebol e o reconhecimento do mundo perante a nossa indiscutível habilidade com a bola são as principais razões que nos permitem caracterizar este esporte como uma das faces de nossa própria identidade.

Durante a execução do trabalho, uma curiosidade se sobressaiu em relação aos demais aspectos envolvidos no fenômeno da violência no futebol. Enquanto analisávamos os dados e fatos interessantes para a composição deste trabalho, nos surgiu uma percepção que nos fez indagar determinados aspectos. Percebemos que a diferença de gênero é algo que se destaca neste contexto, visto que, tanto os dados científicos sobre o tema da violência no cenário futebolístico, quanto a nossa própria observação, explicita que o gênero masculino é o maior protagonista deste fenômeno. Neste trabalho, não nos cabe pensar nas causas desta diferença e no por que dos homens estarem tão em evidência quando trata-se de agressão e violência dentro e fora dos estádios. O nosso objetivo não abrange a interpretação de tal curiosidade, entretanto, vale ressaltar este contraste entre os gêneros e deixar o assunto em suspenso para que algumas hipóteses possam ser criadas. Inicialmente poderíamos pensar na diferença da constituição psíquica e física entre homens e mulheres e, mais adiante, nos aprofundar na questão do preconceito sócio-cultural que as mulheres sofrem em relação a sua participação no futebol.

Para encerrarmos o trabalho é importante ressaltar que a análise da violência no futebol não se esgota aqui: como vimos logo acima há outros aspectos que poderíamos ter abordado, entretanto, tratamos de um tema muito abrangente, levando-nos a escolher um recorte teórico a partir do qual trabalhar, e um recorte do fenômeno para a

análise. A impossibilidade de abranger todas as considerações que poderiam ser feitas acerca do futebol e da violência nele circunscrita, assim como as restrições no que tange às questões de prazos para a entrega deste trabalho, abrem possibilidades de futuras investigações acerca do fenômeno. Acredito que pesquisas realizadas com membros das torcidas organizadas ou frequentadores assíduos dos estádios de futebol poderiam nos trazer dados interessantes e surpreendentes, que nos auxiliariam a obter respostas mais completas na tentativa de entender as razões que os levam a integrar estes grupos e, muitas vezes, a comportar-se de maneira violenta. O presente trabalho buscou abranger as análises teóricas sobre a questão, porém o meu interesse pessoal e envolvimento com o tema poderiam levar-me a dar continuidade a esta pesquisa, retomando-a em outro momento de minha formação profissional.

Sendo a questão da violência no futebol um tema atual, principalmente devido à aproximação da Copa do Mundo sediada no Brasil e a promessa dos manifestantes de que os protestos irão continuar mesmo após o início do mundial, finalizo a discussão com a certeza de que, em breve, o cenário do futebol terá adquirido uma nova forma, possibilitando as mais diversas análises em relação ao tema.

## Referências Bibliográficas

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)**. Volume 15. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MURAD, Mauricio. **Para entender a violência no futebol**. Rio de Janeiro: Editora Benvirá, 2012.

LAPLANCHE, Jean & PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2008.

MICHAELIS. **Minidicionário escolar da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 2000.

RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

FIORELLI, José Osmir & MANGINI, Rosana C. Ragazzoni. **Psicologia Jurídica**. 1ª ed., São Paulo: Atlas: 2009.

FILHO, José Vicente da Silva. Coluna de Domingo. Espécies Perigosas. **O Vale**. São Paulo. 5 de maio de 2014.

\_\_\_\_\_. BRASIL. **Lei Maria da Penha**: Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006, que dispõe sobre mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2010. 34 p. Legislação Federal

OLIVEIRA, José E. C. & FERRIANI, Maria das Graças C. **Esporte e violência**. In: Revista Digital, Buenos Aires, Nº 156, 05.2011. Disponível em:

<<http://www.efdeportes.com/efd156/esporte-e-violencia.htm>>. Acesso em: 22 de maio de 2014

MARANHÃO, Fabiana. Cinco denúncias de violência contra o idoso são registradas a casa hora no Brasil. **UOL notícias**. São Paulo, outubro de 2013. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/10/01/parentes-sao-agressores-em-7-de-cada-10-denuncias-de-violencia-contra-o-idoso.htm>>. Acesso em: 23 de maio de 2014

RIO DE JANEIRO tem queda de assassinatos, mas latrocínios aumentam. **Terra Notícias**. São Paulo, janeiro de 2013. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/brasil/policia/rj-tem-queda-de-assassinatos-mas-latrocinius-aumentam,c47a2278e844c310VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 22 de maio de 2014

LEVANTAMENTO sugere que morte violenta de jovens está associada à urbanização precária e à ausência de políticas públicas específicas. **Folha de São Paulo**. São Paulo, julho de 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaio/56017-mapa-da-violencia.shtml>>. Acesso em: 22 de maio de 2014

GOMES, L. Flávio. Os 20 países menos violentos do mundo. **Atualidades do Direito**. São Paulo, abril de 2013. Disponível em: <<http://atualidadesdodireito.com.br/lfg/2013/04/24/os-20-paises-menos-violentos-do-mundo/>>. Acesso em: 22 de maio de 2014

PAGNAN, Rogério. PM separa 70 brigas de trânsito por dia. **Folha de São Paulo**. São Paulo, julho de 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/multimedia/videocasts/941254-pm-separa-70-brigas-de-transito-por-dia-veja-relato-de-motorista-brigao.shtml>>. Acesso em: 22 de maio de 2014

DOCUMENTO Preliminar do Comitê Nacional de Enfrentamento à Violência Sexual Contra a Criança e o Adolescente. **UNICEF**. 2005. Disponível em: < <http://www.unicef-icdc.org.htm>> Acesso em: 22 de maio de 2014

AMBRAMOVAY, Miriam & OLIVEIRA, Helena. O bê-á-bá da intolerância e da discriminação. **UNICEF**. Disponível em: < [http://www.unicef.org/brazil/pt/Cap\\_02.pdf](http://www.unicef.org/brazil/pt/Cap_02.pdf) > Acesso em: 22 de maio de 2014

GERAQUE, Eduardo. Manifestação contra a violência reúne 500 em Alto de Pinheiros. **Folha de São Paulo**. São Paulo, junho de 2013 - Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1292347-familiares-e-amigos-de-vitimas-da-violencia-protestam-na-zona-oeste-de-sp.shtml>> Acesso em: 22 de maio de 2014

VIOLÊNCIA contra as mulheres: A situação. **Una-se pelo fim da violência contra as mulheres**. Brasília, 2008. Disponível em: <<http://www.onu.org.br/unase/sobre/situacao/>>. Acesso em: 23 de maio de 2014

## Anexos

### 1. Crônica Freud no Futebol - *À sombra das chuteiras imortais* de Nelson Rodrigues:

Um amigo meu que foi aos Estados Unidos informa que, lá, todo mundo tem o seu psicanalista. O psicanalista tornou-se tão necessário e tão cotidiano como uma namorada. E o sujeito que, por qualquer razão eventual, deixa de vê-lo, de ouvi-lo, de farejá-lo, fica incapacitado para os amores, os negócios e as bandalheiras. Em suma: - antes de um desses atos gravíssimos, como seja o adultério, o desfalque, o homicídio ou o simples e cordial conto-do-vigário, a mulher e o homem praticam a sua psicanálise.

O exemplo dos Estados Unidos leva-me a pensar no Brasil ou, mais exatamente, no futebol brasileiro. De fato, o futebol brasileiro tem tudo, menos o seu psicanalista. Cuida-se da integridade das canelas, mas ninguém se lembra de preservar a saúde interior, o delicadíssimo equilíbrio emocional do jogador. E, no entanto, vamos e venhamos: - já é tempo de atribuir-se ao craque uma alma, que talvez seja precária, talvez perecível, mas que é incontestável.

A torcida, a imprensa e o rádio dão importância a pequeninos e miseráveis acidentes. Por exemplo: - uma reles distensão muscular desencadeia manchetes. Mas nenhum jornal ou locutor jamais se ocuparia de uma dor-de-cotovelo que viesse acometer um jogador e incapacitá-lo para tirar um vago arremesso lateral. Vejam vocês: há uma briosa e diligente equipe médica, que abrange desde uma coriza ordinárrima até uma tuberculose bilateral. Só não existe especialista para resguardar a lancinante fragilidade psíquica dos times. Em consequência, o jogador brasileiro é sempre um pobre ser em crise.

Para nós, o futebol não se traduz em termos técnicos e táticos, mas puramente emocionais. Basta lembrar o que foi o jogo Brasil x Hungria, que perdemos no mundial da Suíça. Eu disse “perdemos” e por quê? Pela superioridade técnica dos adversários? Absolutamente. Creio mesmo que, em técnica, brilho, agilidade mental, somos imbatíveis. Eis a verdade: - antes do jogo com os húngaros, estávamos derrotados

emocionalmente. Repito: - fomos derrotados por uma dessas tremedeiras obtusas, irracionais e gratuitas. Por que esse medo de bicho, esse pânico selvagem, por quê? Ninguém saberia dizê-lo.

E não era uma pane individual: - era um afogamento coletivo. Naufragaram, ali, os jogadores, os torcedores, o chefe da delegação, a delegação, o técnico, o massagista. Nessas ocasiões, falta o principal. Estão a postos os jogadores, o técnico e o massagista. Mas quem ganha e perde as partidas é a alma. Foi a nossa alma que ruiu face à Hungria, foi a nossa alma que ruiu face ao Uruguai.

E aqui pergunto: - que entende de alma um técnico de futebol? Não é um psicólogo, não é um psicanalista, não é nem mesmo um padre. Por exemplo: - no jogo Brasil x Uruguai entendo que um Freud seria muito mais eficaz na boca do túnel do que um Flávio Costa, um Zezé Moreira, um Martim Francisco. Nos Estados Unidos, não há uma Bovary, uma Karênina que não passe, antes do adultério, no psicanalista. Pois bem: - teríamos sido campeões do mundo, naquele momento, se o escrete houvesse frequentado, previamente, por uns cinco anos, o seu psicanalista.

Sim, amigos: - havia um comissário de polícia, que lia muito X-9, muito *Gibi*. Para tudo o homem fazia o comentário erudito: - “Freud explicaria isso!”. Se um cachorro era atropelado, se uma gata gemia mais alto no telhado, se uma galinha pulava a cerca do vizinho, ele dizia: - “Freud explicaria isso!”. Faço minhas as palavras da autoridade: - só um Freud explicaria a derrota do Brasil frente à Hungria, do Brasil frente ao Uruguai e, em suma, qualquer derrota do homem brasileiro no futebol ou fora dele. (1993, P. 25)

[*Manchete Esportiva*, 7/4/1956]